

O MONTE DA QUINTA

Esta obra que designamos “Monte da Quinta”⁽¹⁾, compreende um conjunto de edifícios e espaços exteriores envolventes com usos diversos – edifícios de habitação e outros afetos à atividade agrícola que aqui se desenvolve -, propriedade da sociedade Agrícola Niza Mariano, S.A., localizados no concelho do Alandroal, na província do Alentejo, no sul de Portugal, na vizinhança da província espanhola da Extremadura,

A região é de uma beleza apaixonante ⁽²⁾, feita do ondulado das colinas que alternam com os vales onde predominam a oliveira e os pastos, surpreendendo-nos, nos pontos mais altos, com vistas deslumbrantes para os lados de Espanha.

A beleza da região, a sua autenticidade preservada, ainda viva, apesar de tudo, nas gentes, nos costumes, na arquitetura, no artesanato, na gastronomia, a par com a novidade do “grande lago” – como já se designa a albufeira da barragem do Alqueva –, atrai cada vez mais visitantes⁽³⁾ e potencia novos projetos, emprego e a tão necessária revitalização.

Mas para além dos visitantes, a região parece atrair também novos residentes – e não só aqueles que aqui vêm passar fins de semana ou férias mas também os que encaram estas terras como um lugar de futuro e aqui decidem fixar-se, senão totalmente, pelo menos em boa parte do seu tempo, investindo e criando riqueza.

É o caso dos proprietários do Monte da Quinta que aqui desenvolveram já projetos significativos no sector agrícola e também no do turismo. Quando aqui chegaram, vindos de outras terras, mais a Norte, depararam-se com um “monte” bastante degradado: A casa principal estava ainda de pé mas dos anexos pouco mais havia para além de algumas paredes a desfazerem-se.

Logo que tive contacto com este “monte”, após a contratação dos meus serviços para a respetiva reabilitação, deparei com alguns aspetos curiosos: Embora as construções fossem as características da região – nos processos construtivos e no tipo arquitetónico –, havia qualquer coisa de peculiar no conjunto, algo que não “encaixava bem”. A forma da chaminé da casa principal, mais frequente noutras regiões do Alentejo, mais a Sul, embora não totalmente invulgar na região, afigurava-se como um objeto um pouco insólito, deslocado, principalmente tratando-se de uma casa isolada num “monte” e não de uma construção inserida em povoado. Também o tipo de alvenarias – de pedra argamassada, em aparelho rústico – apresentava algumas características pouco comuns na região: o uso da argila – o barro – na composição das argamassas.

Logo viemos a saber que os anteriores proprietários eram oriundos da região de Beja, mais a sul – onde aqueles aspetos aparentemente invulgares ou insólitos são afinal bastante frequentes. O seu construtor decidiu fazer, no início do séc. passado, uma casa tanto quanto possível parecida com a que deixara mais a Sul.

No projeto que então elaborei decidi, em consonância com a vontade dos proprietários, recuperar a casa principal utilizando os materiais e as tecnologias construtivas tradicionais e, nos anexos (à exceção de uma construção muito curiosa, já um pouco afastada do conjunto do monte, que servia de abrigo para animais), optamos por uma tipologia mista – estrutura de betão armado e paredes de alvenaria de tijolo industrial, juntamente com coberturas tradicionais de estrutura de madeira e revestimento de telha cerâmica, de canudo. De facto, o estado avançado da ruína destes anexos justificava perfeitamente esta opção.

No que diz respeito ao desenho arquitetónico e à tipologia dos espaços, procurei seguir o modelo da arquitetura vernacular da região, alterando apenas o necessário para adaptar os edifícios a um uso mais consentâneo com os padrões de conforto atuais, à semelhança dos sistemas construtivos – isolamentos, redes de infraestruturas, etc...

As paredes de alvenaria rústica, de xisto, foram mantidas aparentes em quase toda a extensão dos respetivos paramentos das casas existentes, por forma a realçar a sua singularidade construtiva, tendo sido devidamente restauradas. No seu coroamento foi colocado um lintel de travamento.

Nos anexos, os paramentos foram rebocados igualmente com argamassas compatíveis com os respetivos suportes, tendo sido afagados “à colher” e não “à talocha”, por forma a garantir uma textura mais semelhante à da caiação. Estes paramentos foram pintados com tinta de base aquosa, lisa, de cor branca.

As coberturas foram construídas com estrutura de madeira tratada, revestida com isolamento térmico em poliestireno extrudido, chapas de cimento de subtelha, e telha de canudo, cerâmica, tratada com produto hidrorrepelente. Interiormente, os tetos foram revestidos com placas de gesso cartonado hidrófugo, pintado com tinta de base aquosa, branca. Na casa principal, foram ainda colocadas tijoleiras (“baldosas”) sobre a estrutura de madeira, contribuindo, assim, para um melhor isolamento térmico, de forma consentânea com a tipologia nesta região.

As paredes interiores novas foram construídas com alvenaria de tijolo cerâmico nas espessuras mais adequadas a cada situação. Todos os paramentos interiores foram rebocados, estucados e pintados com tinta de base aquosa.

Os compartimentos de instalações sanitárias e cozinhas possuem material cerâmico vidrado nos paramentos e foram devidamente equipados.

Nos pavimentos, e de um modo geral, foi colocada tijoleira rústica tradicional, com tratamento anti-impregnante.

As caixilharias foram integralmente renovadas, tendo sido colocados vãos novos em madeira, com vidros duplos lisos, claros e transparentes, guarnecidos interiormente com portadas em madeira pintada.

As portas interiores e exteriores são igualmente em madeira pintada com esmalte sintético.

O conjunto das construções encerra um espaço exterior aberto a Sul e a Poente, para um vale, espaço este que decidimos tratar como uma área de estar aprazível, com um tanque de água, laranjeiras e um lugar para nos reconfortarmos junto ao fogo ou simplesmente desfrutar do ar puro, da paisagem ou dos fantásticos céus estrelados, límpidos, das noites de verão.

No anexo destinado a habitação de convidados, incluímos um alpendre em cuja sombra nos poderemos refugiar nos dias de sol mais intenso.

Junto a este alpendre, recuperamos um antigo forno que pode agora, de novo, ser utilizado.

O conjunto inclui ainda três outras construções – um edifício destinado a lagar de azeite, com as áreas de produção, de armazenagem e de apoio, as instalações para o pessoal afeto a esta atividade e um alpendre para as alfaias agrícolas. Este conjunto de dois edifícios e um alpendre situa-se junto às construções atrás mencionadas, completando assim a infraestrutura edificada

necessária para a viabilização dos investimentos (agrícolas e turísticos) aqui em desenvolvimento.

Na sua disposição ou implantação, as construções propostas mantêm a forma de «pátio» ou «terreiro», situando-se entre a vizinha casa principal do «monte» atrás mencionada e uma outra construção existente que integra este artigo e que será restaurada podendo vir a servir como «loja» ou espaço de venda e promoção dos artigos aqui produzidos.

Na sua arquitetura apresentam também uma tipologia tradicional, inspirada nos modelos vernaculares da região – no desenho e nos materiais propostos.

Na obra, tive a sorte de poder trabalhar com pessoas da região, de qualidade excepcional, que conservam ainda uma sabedoria preciosa, de tradições artesanais, ancestrais, que põem em prática com evidente gosto e orgulho, a par com os processos e tecnologias mais atuais. Assim se consiga que estes saberes não se percam e se multipliquem as pequenas empresas – oficinas, artífices e outros -, conservando estes tão importantes fatores de identidade regional, ao mesmo tempo que criam emprego e geram riqueza ⁽⁴⁾. O Alentejo precisa muito destas pessoas e pode ser que, através dos exemplos bem sucedidos que sempre vão aparecendo, os autarcas e funcionários da Administração Central com responsabilidade na matéria – O Estado, portanto -, percebam a sua importância para o desenvolvimento da Região e se decidam pelas políticas corretas, efetivas e substanciais à sua atividade, ao invés de promoverem obras descaracterizadoras que só revelam o que já alguns escritores portugueses dos finais do séc. XIX chamavam “uma noção provinciana do progresso”⁽⁵⁾ .

José Franqueira Baganha

Arquiteto

28/Setembro/2015

Notas:

1 O monte alentejano constitui um tipo singular de habitat, herdeiro da villa romana, sede da grande propriedade agrícola que predomina na região. Corresponde ao Cortijo espanhol.

2 “O Alentejo tem também, ao contrário do que geralmente se supõe, uma beleza própria, embora só uma longa intimidade com a sua paisagem a permita apreender. Se a monotonia do verde sombrio dos montados, o baço dos olivedos ou a adusta amarelidão dos restolhos não alegram o olhar nem o repousam – o horizonte, vastíssimo, de uma severa simplicidade de linhas, sóbrio de cor, impressiona pela grandeza e pela augusta e imperturbável solenidade. Não abundam os contrastes, mas há em tudo o que observamos uma energia rude. A luz irradiante dá aos últimos planos da paisagem uma nitidez maravilhosa. O céu, alto e profundo, tem um azul de esmalte. A segura e transparência do ar tonificam e elevam o espírito, e tornam mais cintilantes as estrelas, que avultam na negrura do firmamento como grossas lágrimas suspensas. O luar enche a abóbada do céu, e sob ele sente-se palpitar, mais enigmática e profunda, a alma das coisas. Os poentes incendeiam a charneca e erguem sobre a planície luminosa miragens fantásticas de rios e de oceanos ardendo em chamas de púrpura. E neste quadro imenso, tão cheio de carácter e de nobreza, sucedem-se no Inverno os mantos verdes das searas, na Primavera os tapetes das flores, matizados pelo violeta das urzes e gema-de-ovo dos tojos, onde as papoilas vermelhas põem grandes pingos de sangue e as flores rescendentes das estevas desabrocham como alvas taças de leite onde tivesse caído uma gota de mel.

“Quase nunca, a não ser ao Sul de Beja e antes de baterem na planura as primeiras ondas encrespadas que sobem das serrarias do Algarve, domina a planície rasa e inteiramente morta. A cada passo, pelo contrário, ela estremece, vibra, movimenta-se, pregueia-se em peneplanos e chapadas, como um grosso burel amarfanhado; e na extensão ilimitada, fortemente batido pela luz, destaca-se de quando em quando um grande morro solitário, sobre o qual campeia ainda um velho castelo, atalaia e vedeta da planície, contra cujos muros tantas vezes se veio quebrar a onda dos assaltantes em ressacas de sangue, e que domina um panorama formidável”. Proença, Raúl. In: “Guia de Portugal”, op. cit., pp 22 e 23.

3 “Muita gente tem inscrito o Alentejo como destino frequente das suas errâncias e este movimento em pleno desenvolvimento deu origem à moda e à voga do Alentejo. Hoje, andamos quase todos à procura de uma terra mítica, à procura das origens, do regresso ao campo. As grandes migrações nos fins de semana para estas províncias (...) são movimentos procurados principalmente por aqueles que veem no Alentejo uma terra de encanto e tranquilidade. Passámos, sem que nos tivéssemos dado conta, de um mundo eminentemente rural para a desmedida dos espaços planetários e com o sentimento de que, a qualquer momento, podemos ficar desprovidos de referências, sem eira nem beira, num mundo cada vez mais complexo, mais incerto, que poderá estar quase a esquecer o seu próprio passado. Na eminência de ficarmos desenraizados escolhemos espaços fortes, com identidade, e o Alentejo é um espaço de eleição”. Saramago, Alfredo: “Livro-Guia do Alentejo” . Ed. Assírio & Alvim, Lisboa, Nov. de 2007, p. 11.

4 “Surge pouco a pouco a necessidade de (re) estudar as antigas práticas e soluções, não por fado e elogio da saudade mas para que lhe possamos dar um futuro.” Prólogo de José Aguiar na obra “Arquitectura de Terra em Avis” de Inês Fonseca, Ed. Argumentum, Lisboa, 2007, p.12.

5. Refiro-me a Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.